

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — *Afonso Vargas*

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 3000 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros... 2200 » Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros... 12000 » Numero avulso..... 500 »	N.º 51	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

O AMPHITHEATRO. A VIDA ROMANA

V

Estreia-se a festa sacrificando-se aos deuses uma victima humana. O programma annuncia a ordem do spectaculo durante os dias successivos. Começam os combates das feras. Leões, pantheras, bufalos rompem furiosos na arena, e despedaçam-se uns aos outros. Elephantes e touros combatem por entre as chammas em que os envolvem para os enfurecerem. O touro, que já é uma fera, torna-se em cordeiro diante do furioso rhinoceronte, para o qual não passa de um brinquedo¹. Os ursos rolando sobre a arena ensanguentada fazem da terra um visco tal que a fuga se lhes torna impossivel². Vozeria e palmas numerosas.

Intervallo para commentos e descanso.

Turmas de escravos elegantes e trajados ricamente agüam a arena enquanto os tubos distillam orvalho aromatico para refrescarem a atmosphera. Como um leque immenso o velario ondeia voluptuosamente por cima d'aquellas cem mil cabeças. Córos com acompanhamento das orchestras de dois mil instrumentos, flautas, cytharas, alaudes, trombetas, distrahem os espectadores e animam a funcção. Cem bobos em trajos variegados encurtam o intervallo com momices e pantomimas.

Silencio geral, e expectativa da maior anciedade. Vão entrar os gladiadores.

Não são oito como os forçados, nem seis como os capinhas das nossas pobres praças. É uma tribu de centenas ou de milhares. E Myrino, Triumpho, Vero, Carpophoro e tantos outros, infames sublimes, mais afamados que os heroes, mais estremecidos que os esposos e os filhos. Dos que o publico ainda não conhecia tinham-se exposto os bustos em galeria especial do edificio. O murmuro entusiasta do Coliseu era como o rugido da fera.

Entram em carros brilhantes. Cinge-os um subligaculo escarlata (saiote curtissimo), apertado por um cinto de cobre, cothurnos azues ou botas de bronze,

o resto do corpo nu e untado. Vem armados segundo a especialidade da pugna a que se destinam.

Apeando-se todos dos carros, adiantam-se até de frente da tribuna imperial, e entoam com um grito de entusiasmo o hymno da propria morte:

«Ave, Cesar! Os que vão morrer te saudam.»

Entoadas a saudação, que se vaee perdendo pouco a pouco pelos ares, logo se dividem em turmas conforme a diversidade dos combates. Attrahe sobretudo as vistas geraes a turma dos gladiadores denominada «*sem remissão*», dos quaes nem um só tem direito de ceder a vida. Nenhum d'elles pôde sobreviver á peleja. Os cartazes, quando a funcção é abrilhantada com esta especie de gladiadores, annunciam-no sempre como episodio dos mais attractivos.

Principia a lucta humana.

Uns combatem a pé; em carros, tirados por escravos, combatem outros; estes com espada e rede para embaraçarem a cabeça dos adversarios; aquellos, os bimaqueiros, com espadas em ambas as mãos. É ruim o gladiador que arremeça o golpe á cabeça do contrario, impedindo assim o martyrio lento. O povo apupa-o. Pelo contrario applaude o que fere de modo que a agonia se prolongue e possam variar as peripécias da dor. Se os empregarios os vêem esgrimir sem energia, açoitam-nos com fogo para os excitar.

Accende-se a peleja ao mesmo tempo em toda a arena. As turmas dos combatentes atrahem para pontos diversos a vista dos espectadores. Levanta-se entre jubilos uma parte do amphitheatro quando vê cair o vencido com elegancia, ou ageitar elle proprio o ferro para o vencedor lhe traspassar o coração; não menos quando lhe vê confundir o ultimo suspiro com o ultimo sorriso. N'aquelle entusiasmo os cidadãos atiram aos vencedores com mãos cheias de sestercijos; as damas, pallidas e nervosas, trocam signaes de amor com os despreziveis da arena, triumphantes de gloria.

Para outro lado, grande movimento de curiosidade acompanha uma pugna original. São as valentes gladiadoras, de braços arregaçados, espada em punho, mais furiosas do que os proprios gladiadores, combatendo entre si como homens e despedaçando-se como feras. Se d'este lado se agita o movimento da curiosidade, d'aquelle sae um côro estridente de gargalha-

¹ Marcial, *Espectaculos*, n.º 11.

² Marcial, *cit.*, n.º 13.

das, tristes gargalhadas, que não são unicamente um insulto ao direito da vida, mas outro insulto á desgraça da natureza. É uma turma inesperada de gladiadores anões, de fito escolhidos «para sazonar mais o jogo com a sua estatura ridicula», esgrimindo-se tambem como os grandes, matando, morrendo, implorando a vida, interrogando se a devem conceder, e sendo a parodia burlesca do que já é parodia de lagrimas!

N'outra parte do amphitheatro agitam-se os espectadores em posições diferentes, e com tregeitos diversos, mas não é a alegria que os electriza, é a raiva. Incendia a ferocidade todos aquelles rostos, sãem impredações de todos aquelles labios, as vestaes, as candanas vestaes ameaçam com os punhos, as damas estremezem de frenesi, uma furia de vozes restruge no espaço. Que succedeu? Foi o suspeitar-se que os feridos simulavam de mortos com a esperanza de salvação. O povo ordena logo que as espadas verifiquem a duvida. A cada victima que reuscita momentaneamente para de todo se finir ha uma alegre exclamação de colera vingadora. De repente um silencio electrico tomou o amphitheatro. Os espectadores, desviando os olhos dos combates pacias, concentram unanimes a vista na pugna mais encarniçada. Não se futura qual dos dois vencerá. Se um é mais forte, o outro é mais dextro. O circo divide-se no voto como no desejo. Os romanos levantam apostas ás claras, as romanas promettem no recondito offerendas aos deuses. A sympathia está por um, a arte pelo outro. Das feridas lhes verte o sangue, as ventas espumam-lhes furor, os olhos fiseam-lhes de anciedade. Jogam ali ambos, com a vida, a liberdade, o amor, a gloria. Nenhum d'elles quer morrer. Um combate singular não pôde assim durar mais tempo. Finalmente resvala um; o outro, o feliz, com a morte na mão, interroga o povo soberano. Se os braços se erguem, é concedida a existencia; negada, se se abaixam. Um grito de cem mil vozes até ali comprimido resouo no amphitheatro. A vida humana dependeu do aceno repentino de um povo embriagado de sangue. As orchestras abafam os soluços das victimas. O sol coando através do velario de oiro enxuga a lagrima final dos moribundos. Chegára ao ponto summo do delirio da febre romana. O povo-rei exulta de jubilo. Se quereis ver ainda hoje como o gladiador combatia, ide ao museu do Vaticano, e visitae o gabinete contiguo ao de Laocoonte. Se quereis ver como elle sabia morrer, admire-o na viva estatua da morte que embelleza o museu do Capitolio.

Novo intervallo. Soam as trombetas para serem levados da arena pela porta mortuoria os mortos e feridos. Escaldam as cabeças com o entusiasmo e commoções. Refrescos, dignos da profusão do mundo romano, são então servidos á custa do imperador, aos milhares de espectadores.

Recomeça.

Ao assassinio do homem pelo homem vae seguir-se a pugna, não menos sanguinolenta, do homem com os animaes selvagens.

Para combater com elles entram os venadores, todos armados. Por entre os venadores serpeiam os bestiaros (escravos fugidos e prisioneiros de guerra), todos nus, a fim de serem lançados ás feras e lhes

servirem de pasto. É a pena de morte, no escravo contra a liberdade do homem, no prisioneiro contra a liberdade da patria. Uma vantagem n'esta especialidade levava a sociedade antiga á sociedade moderna: na sociedade antiga o carrasco era uma fera, na moderna é um homem.

N'um d'esses combates é que ficou immortal a fama do athleta Carphophoro. Sáe-lhe primeiramente em sorte um urso vizinho do pólo; cáe o urso traspasado com o ferro. Sáe-lhe em acto continuo um leão de grossura prodigiosa; aos pés estende o leão. Segue-se-lhe um leopardo; lança-o por terra com uma larga ferida; e o moço athleta, ainda de pé, ainda prompto a combater no meio da estrondosa acclamação do povo romano. No dia seguinte luctou com touros e elephants excitados pelas chammias, com bufalos e bisões, que prostrados ficaram tambem. No terceiro dia derribou vinte feras¹. A similhança d'este o outros luctadores. Poeria, suor, espuma, sangue, venadores, bestiaros, feras, tudo se confunde, e os gritos da morte na arena perdem-se entre os applausos da vida na amplidão do amphitheatro.

A noite, a socegada noite não vinha terminar o divertimento. N'um repente o Coliseu apparecia phantasticamente illuminado. O espectáculo não se interrompia nem de dia nem de noite; comiam e dormiam ali.

Já mostrámos quanto era vil a arte de gladiar, e infames os gladiadores. Pois por isso mesmo é que se tornava em excitamento de voluptuosidade o exercicio da arte infamante desempenhado pelas classes livres e nobres.

O povo romano viu então ao lado dos escravos descerem ao circo os libertos, que, apesar de escravos fôrros, como livres não deviam já ali comparecer².

Depois desceram os cavalleiros em numero immenso.

Tambem depois, quem tal acreditaria! desceram senadores (e já sem mascara no rosto) a fazerem causa commum com os desprezíveis da arena, menos desprezíveis do que elles³. Faltavam as patricias? Nem essas faltaram. Matronas, trajadas de gladiadores, vinham travar combate com homens e feras⁴. O prazer do povo romano requintava assim diante do perigo dos senadores e da deshonra das mulheres. Libertos, cavalleiros, senadores, patricias! Parecia estar esgotado o calix da infamia. Pois ainda não estava. A corôa imperial poz o digno remate, e o mundo presenciou, não só Nero, mas outros imperadores descerem á praça para gladiar com os escravos e combater com as feras. Um d'elles, Commodus, querendo honrar Marcia, sua concubina, vinha vestido de amazona quando se apresentava na arena, por ser com esse traje que Marcia mais folgava de apparecer em publico⁵. O estado social de Roma precipitára-se até aquelle impossivel.

¹ Marcial, *Espectaculos*.

² Marcial cit.; Ybars, *Néron*; Friedländer, *Les meurs romaines*.

³ Tacito, *Annaes*, liv. xiv, cap. 14.º, e liv. xv, cap. 32.º; Suetonio, *Nero*, cap. 12.º; Dião, *Nero*; Bernardes, *Estimulo pratico*.

⁴ Tacito cit., liv. xv, cap. 32.º; Marcial, *Espectaculos*; Juvenal, *Satyra* 6.ª

⁵ *Historia Augusta*.

Aos combates da terra succediam no mesmo amphitheatro os combates navaes. Eram as naumachias. A arena enchia-se de agua n'um repente, e sobre aquelle repentino mar appareciam embarcações, escondidas até ali nas cavidades do edificio. As embarcações combatiam então a valer. Nero levára o requinte das suas naumachias no amphitheatro do campo de Marte a serem de agua do mar, e o povo abortou presencou peixes extraordinarios, nadando e combatendo n'aquelle oceano milagroso. Crocodilos e hypopotamos vinham lutar com os gladiadores especiaes, de que as barcas estavam munidas¹. N'um abrir e fechar de olhos reabriam-se os canos, desaparecia tudo como se fôra um sonho, e os gladiadores já de pés enxutos reoccupavam os seus postos.

Acreditaria o povo romano que o espectáculo se achava terminado? Com acerto o poderá crer, pois que o programma se achava cumprido. Mas o imperador amava muito o seu povo para deixar de lhe fazer uma surpresa. As trombetas preveniam os espectadores de que não saíssem ainda. Victimias christãs iam ser lançadas ás feras. A surpresa imperial respondia o povo com palmas freneticas.

Abrem-se as portas, apparecem os christãos, e antes de tudo são açoitados pelos venadores no centro da arena.

O amphitheatro applaude a scena e apua os christãos. As victimias recebem os açoites com dignidade na presença de um povo cruel, que representava o grau mais elevado da civilização. Rugem dentro as feras impacientes. Não entram. Entram. As nobres victimias ajoelham, cruzam os braços no peito, erguem as cabeças para o céu, e são despedaçadas diante do povo, que impreca furioso.

Aquelle sangue, espargido ali, era o da fraternidade humana baptisando o progresso.

Dissemos que o povo imprecava furioso. Nem todo. Por entre a immensa multidão no amphitheatro estava disfarçado um grupo de espectadores que não rugiam nem imprecavam á entrada dos martyres, mas que por entre os insultos lhes mandavam consolações; por entre os rugidos, soluços; por entre as imprecações, lagrimas. São tambem irmãos vossos, romanos, não no traço, que o trazem elles humilde; não na vida, que a passam honesta; não na dureza, que a trocam em caridade; não nas habitações luxuosas, que as d'elles são uns subterraneos, sem o ar da liberdade, e de dia sem a luz do sol, e de noite sem o firmamento marchetado de estrellas.

Esses poucos penetraram ali, não para applaudirem os vossos gladiadores, nem as vossas feras, nem o vosso imperador histrião, nem os vossos libertos arrogantes, nem as vossas mulheres deshonestas, mas para regarem com lagrimas fraternas as derradeiras dores dos martyres com quem trocaram um olhar. E, quando á noite sairdes d'esse antro de ouro para as vossas orgias esplendidas, irá aquelle grupo humilde, unido no pranto da saudade e no sorriso da victoria, narrar aos seus irmãos das catacumbas como é que os christãos, irmãos d'elles, souberam derramar o sangue pelo que haveria de ser conquista da fraternidade. E após aquella informação, entrecor-

tada de lagrimas que sorriam, ouvir-se-ia responder, das profundezas da cidade ás orchestras que sobre ella rugiam, um cantico virginal de gloria e de esperança, que repercutiria nos futuros seculos do amor.

VI

O que fica narrado é apenas um pallido reflexo do amphitheatro romano.

O povo que inventou uma tal monstruosidade e que d'ella fez as suas delicias por tempo de quatro seculos tinha perdido tudo, respeito a si mesmo, pudor, sentimento, benevolencia, affectos; perdêra a propria alma. A crueldade dava as mãos á lascívia, e entrelaçadas com o luxo apreciavam a sociedade.

D. ANTONIO DA COSTA.

A FILHA DO PROFESSOR

(Conclusão)

Ao tempo em que, sob o dominio d'essas influencias que lhe aqueciam a imaginação, e a desviavam do caminho para onde naturalmente derivára a sua existencia, educando-a incompletamente, dando-lhe uma orientação perigosa, desmorteando-a, desequilibrando-a, entrou a reconhecer que o Manuel não poderia comprehendê-la,— como explicava a si propria,— e a mostrar-se mais fria para com elle, que a adorava como se fôra uma santa, n'um tosco, mas profundo e piedoso culto,— começou a fital-a, insistentemente, o filho do escrívão de fazenda,— o Antonio Costa,— quando passava para a caça.

Leviano, alegre, irreflexivo, destemido, infatigavel em caçadas, brigão em feiras e mercados, atrevido com mulheres, inimitavel em dedilhar sentimentalmente a viola,— o Antonio Costa não quizera nunca estudar nem trabalhar; mas, pela vivacidade da sua intelligencia, adquirira, dispersivamente, um ligeiro verniz de educação, que elle sabia fazer valer, e que lhe determinava, com a posição official de seu pae, a categoria de *rapaz fino*.

Comprehende-se que facilmente conseguisse prender a attenção da filha do professor, o que, para elle, pouco valia. A Izabelinha era apenas *mais uma*. Ella, porém, vendo-se cortejada por aquelle bello rapaz altivo, imaginando-se idealmente adorada por elle, sentia-se outra, tinha infinitas distrações, innumeraveis esquecimentos,— nem sequer se lembrava de regar as suas queridas flores,— e quando o Antonio Costa, ao cabo de pouco tempo, lhe fallou desprevenidamente em fugirem, como sendo o unico meio de vencer a resistencia do pae d'elle, quiz oppôr-se, resistir, pedir, ao menos,— que não, que não, que assim não queria,— mas não soube, não pôde, e condescendeu.

* * *

Decididamente, as lavadeiras estavam n'uma temporada excepcionalmente feliz; e poucas vezes a gazeta que todos os dias iam compondo, enquanto trabalhavam, teria encerrado, em tão curto espaço, duas noticias tão commoventes.

N'um sabbado:

¹ Dião Cassio, *Augusto e Tito*; Suetonio, *Domiciano*; Ybars, *Néron*, liv. II, cap. 5°

— «A Izabel do mestre lá abalou e mail o rapaz do escrívão.»—

E na quinta feira seguinte:

— «Então o Antonio Costa sempre casa c'a rapariga do mestre Vaz...»—

Era verdade.

O caso dera que fallar, e levantára protestos, n'uma vigorosa indignação. Não que o professor e a filha fossem estimados; mas por caber a culpa a um rapaz da villa, mais elevadamente collocado do que a gente da terra, e, sobretudo, filho do escrívão de fazenda, que tinha contra si quasi toda a população do concelho, por causa de menos equitativa distribuição de impostos. Contra o que se esperava, o Costa quiz provar que guardava ainda, cavalheiramente, a ideal noção da honra, e exigiu do filho que tomasse por mulher a Izabel, declarando,— generoso e facilitador,— que os levaria para sua casa, como de facto levou.

Os primeiros tempos foram de imperturbada felicidade; mas como seria de facil previsão para quem não estivesse ofuscado, como a Izabel estava, pela cariciosa visão sorridente de um futuro todo venturas, pouco, muito pouco, durou o affecto do Antonio Costa pela ingenua filha do professor.

Ella no começo queria enganar-se, desculpal-o, e architectava para isso os mais imaginosos raciocínios, que ella propria desconfiava serem radicalmente falsos... No entanto ia-se fazendo mulher, entrava a comprehender o mundo, a tocar doridamente a realidade.

Por ultimo, veiu o completo e irrecusavel desengano. O Antonio tratava-a bruscamente, fugia d'ella o mais possivel, esquecia-se, emfim, do que lhe devia em affecto, em respeito, em protecção...

Depois, a pobre Izabel estava quasi sempre só. Em casa, havia apenas uma creada antiga, que não saberia consolal-a, embora quizesse, mas que nem sequer o tentava, porque tendo sempre visto n'ella a *dona da casa*, que lhe roubava a sua vantajosa posição de creada de uma familia só constituída por homens, não se lhe afeiçoára nunca. Entretanto, emmagrecia progressivamente, a sepia das olheiras tornava-se-lhe cada vez mais forte, e a pallida transparencia das mãos cada dia mais perfeita.

As vezes, pensava muito na terra, na casa de seu pae, no quintal, nas flores, na engrinaldada janella do quarto, onde phantasiara tanto.

Lembrava-se do erro indesculpavel que praticára, fingindo com um rapaz; considerava que tinha ido derrubar, porventura irreparavelmente, a felicidade d'aquelle bom e dedicado Manuel, que tanto lhe queria, — reconhecia agora, — e que poderia tel-a feito bem venturosa, sem elegancias, sem phrases, sem audacias de bom gosto; mas por uma funda afeição inabalavel, constante... Tinha, então, remorsos de tudo, imaginava-se uma grande culpada, e chorava convulsivamente.

Outras vezes, esforçava-se por imaginar que tudo aquillo fôra um sonho, e que estava ainda na sua terra; queria poder apagar quanto fizera, obrigar o tempo a retroceder, a repetir-se, exceptuando aquelles me-

zes de culpa e de infortunio, como se porventura os abrangesse a designação musical de *primeira vez*. E, concorrentemente, salteavam-n'a sonhos funestos, seccuras, tosse; tinha hemoptyses, e a voz tornava-se-lhe de dia para dia menos vibrante e perceptivel.

Dominava-a, não raro, uma tristeza vaga, indistincta, mobil, cheia de transições, onde perpassava, misturando-se, confundindo-se, recordações angustiantes da sua vida, do seu passado, das suas leituras:—o destino fatal das heroínas dos romances que tinha lido, a desventura da pobre senhora de quem lhe fallava a antiga creada Brigida, a musica dolente de umas violas, ao longe, que n'uma noite de lua a tinha impressionado a ponto de chorar; o derradeiro beijo que lhe dera uma sua amiga, morta aos dezete annos...

Por ultimo, o escrívão de fazenda, receiando que a Izabel não fosse alem do outono, que vinha entrando, e se reparasse na ausencia completa de tratamento, mandou chamar o medico.

A filha do mestre regio teve, depois da vinda do velho doutor Freitas, um momento dulcissimo de esperanza, como um pedaço de luminoso e suave céu azul, entrevisto por um rasgão de acastelladas nuvens de primavera. O Antonio estava em Hespanha,—por onde tinha ido dar uma volta, com dois amigos, aproveitando uma excepcional redução de precos nos comboios,—e quando voltasse,—pensava com alegria a pobre Izabel,— talvez de novo lhe encontrasse encantos, attractivos, e fosse bom e affectuoso para ella. Como seria agradavel a vida, assim... O doutor Freitas receitára tonicos vigorosos, e assegurára, todo risonho, que aquillo não era nada, e que ella se poria boa depressa.

O proprio escrívão de fazenda, a quem o medico, ao despedir-se, dissera que não havia a minima probabilidade de vida, vendo-a mais alegre, mais animada, a querer levantar-se e vestir-se garridamente, chegou a imaginar que o velho clinico se enganára d'aquella vez.

Não fôra, porém, assim; e um dia, não longe, — antes da volta do Antonio, — no debil organismo confrangido da Izabel, realisou-se a morte.

JOSÉ PESSANHA.

A CASA DO CORAÇÃO

O Coração tem dois quartos;
Moram ali sem se ver
N'um a Dor, n'outro o Prazer.

Quando o Prazer, no seu quarto,
Acorda cheio de ardor,
No seu adormece a Dor.

Cuidado, Prazer, cautela!
Canta e ri mais devagar...
Não vá a Dor acordar...

(Do allemão)

ANTHERO DE QUENTAL.

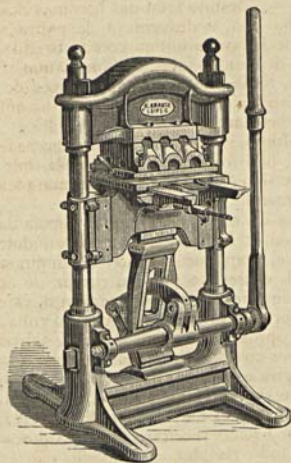
cada um de nós possui uma inclinação predominante á qual subordinámos todos os nossos desejos, e que governa as nossas acções durante a vida inteira.

HUME.

KARL KRAUSE

É o sr. Karl Krause, no ramo a que especialmente se dedicou, um dos mais importantes e bem conceituados industriaes de toda a Allemanha.

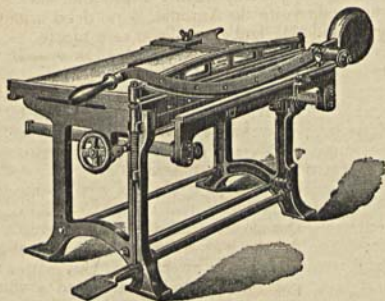
Galardoado com os mais elevados premios em muitas exposições, nomeadamente nas de Moskow (1872), Vianna d'Austria (1873), Berlim (1877), Paris (1882), Königsberg (1885), Antuerpia (1885), Stockolmo (1886), os productos da fabrica do sr. Krause distinguem-se, entre todos os similares, pela sua



nexcedível perfeição, bellissimo acabamento, e modicidade absoluta e relativa de preços.

Fundada em 1855 occupa a fabrica do sr. Krause perto de 600 operarios, empregando-se, especial ou preferentemente, na construção de machinas de calandrar, de cortar e aparar papel, e na de todas as mais em uso na arte do encadernador.

A nossa Imprensa Nacional possui d'este primoroso constructor uma excellente machina de cortar e aparar papel, que



póde ser movida a vapor, do mais aperfeiçoado systema, e adquiriu ha pouco varias outras machinas e utensilios para a sua officina de encadernação.

As nossas gravuras representam, em mui pequena escala, a machina de estampar a oiro e côres (*balance*) e uma *tesoura* mechanica.

São agentes da casa Krause, n'esta capital, os proprietarios do estabelecimento denominado *Exposição permanente de*

machinas e ferramentas allemãs, rua da Boa Vista, cujos intelligentes empregados são promptos em prestar, acerca dos industriaes e dos productos confiados á sua consignaço, todos os esclarecimentos que possam deajar-se.

PAIZAGENS E FIGURAS

(Por D. José Pessanha)

Não é um estranho para os leitores d'esta revista o nome *sympathico* do escriptor de cujo livro venho fallar-lhes de corrida, e em mais de um artigo d'elle terão tido ensejo de aquilatar as finas qualidades litterarias, e a paciente investigação estudiosa que tanto o distinguem.

Não se trata, pois, de um desconhecido, e tanto melhor para elle e para mim, que até aqui mesmo, já outra vez o havia saudado.

Venho, porém, fallar-lhes do seu *primeiro livro*, que não sei se conhecem, o que pôde succeder, visto que hoje já não é só preciso escrever bem para se ser lido, mas se torna ainda indispensavel soprar fortemente á orelha do publico aquillo que se escreveu — para que o publico o ouça, se ao menos não quizer lel-o...

O triumpho da letra redonda deu isto: que á força de haver tanto que ler já ninguém pensa n'isso...

Não me admirarei, portanto, que, apesar da finura com que está feito todo o livrinho do sr. D. José Pessanha, elle haja passado despercebido desde que não veio o reclame proclamal-o pelas esquinas, annuncial-o pelos jornaes, impol-o nos conclaves, o que não impede, é claro, que as *Paizagens e Figuras* tenham paginas que sejam uma delicia como factura e como delicadeza.

Digo como delicadeza, porque o sr. D. José Pessanha é antes de tudo um delicado; fere-o a nota alada e suave da natureza ou das cousas, e é essa que elle primeiro procura fixar no seu estylo, que tem ao mesmo tempo as cores de uma paleta, e as modulações de uma harmonia...

Não sei se dará já todos os *effeitos* que como artista elle procura tirar da palavra e como psychologo deseja estudar nas *figuras*; mas o que sei é que por vezes estas têm já um toque natural e humano, que denunciam a religiosa attenção do observador perante o seu modelo; e as *paizagens* são quadrosinhos encantadores e de uma verdade real e bem vista.

Cito *Um Emigrante, A venda da Casa, O moinho e Aventura n'aldeia*, onde se pôde a um tempo admirar o pintor e sentir o poeta.

Não m'o permite o espaço, por isso não me alongarei mais, mas n'um dos proximos numeros os leitores verão pelo que do livro aqui virá transcripto que sou justo, sem favor.

Agora, limito-me a apertar a mão de um camarada *sympathico*, e a desejar que futuras publicações consolidem na litteratura o logar que lhe pertence e que elle tão galhardamente conquistou já.

Uma das caracteristicas do verdadeiro talento é ser progressivo; o auctor das *Paizagens e Figuras* ha de provar sobejamente a verdade d'este enunciado, e eis por que eu não curo de averiguar quaes os defeitos que ainda hoje tenha, poisque me basta

saber que elles se transmudarão em qualidades, com o que tenho dito tudo.

Agora uma nota triste.

O livro de D. José Pessanha era apresentado ao publico por um fino espirito litterario que a morte victimou ha poucos dias, o visconde de Benalcánfor.

Foi talvez o seu ultimo trabalho—esse prefacio amavel e animador, escripto com sinceridade e consciencia, e essas linhas trazem-me á memoria o seu perfil bemquisto e distincto.

Pobre homem de letras, cujo coração ainda sabia ser novo com os novos e sorrir fidalgamente aos neophytos da penna; possa a frescura constante da tua intelligencia e do teu estylo ser o melhor *memento* do teu nome na lembrança dos que te sobreviverem, e saibam elles eternisar n'uma saudade a recordação lugente que esse nome evoca no coração dos que ainda sabem amar, e não aprenderem a esquecer!

AFONSO VARGAS.

AS MARAVILHAS DA IMPRENSA

Quanto vale e para que serve a Imprensa —divina inspiração do immortal Gutenberg— está evidenciado em mais de um logar e por diversas fórmas; todavia, não é demasiado, torna-se mesmo indispensavel, que se prosiga na propaganda activa, mas bem dirigida, de todas as doutrinas conducentes a enaltecer a imprensa, afirmar o seu alto poder, provar, emfim, a sua incalculavel utilidade.

Posto que tenha ás vezes alguns desvios, é ainda a propria Imprensa que se encarrega de apontal-os e corrigil-os—graças á civilisação, á liberdade e á tolerancia politica que, felizmente, gosam as nações livres como a nossa.

Continuando, pois, n'este mesmo proposito, vamos transcrever o seguinte artigo, inserto n um jornal de Coimbra¹, em que são narradas proficientemente e concludentemente as maravilhas da Imprensa, para que ella seja o que deve ser—arvore mimosa d'onde sómente brotem opimos fructos. JOSÉ ANTONIO DIAS.

Foi a imprensa inventada para dizer, ensinar e propagar a verdade, illustrando os povos e promovendo o seu aperfeicoamento moral e material.

Hoje elogia aquelle que prestou um bom serviço á patria; amanhã censura o infractor da lei, que não soube ser bom cidadão; hoje aponta um acto meritorio, para que os que dirigem o leme da nau do estado o remunerem, e a opinião publica o saude;

¹ *Commercio de Coimbra n.º 397*.—Sobre as vicissitudes por que passou a propriedade d'este jornal (que existiu apenas desde novembro de 1860 a igual mez de 1865), podem ver-se os interessantes *Apontamentos para a historia contemporanea*, pelo sr. Joaquim Martins de Carvalho. Os immensos e valiosos serviços, prestados por este benemerito jornalista á cidade e districto de Coimbra, como proprietario e redactor do *Combricense*, um dos jornaes mais recommendaveis e antigo do continente do reino—poderão imitar-se, mas não exceder-se.

amanhã denuncia uma falta grave, para que os poderes publicos a castiguem e a sociedade a reprove.

É livre a imprensa. Não tem compromissos senão com a patria. Festeja com ella as suas glorias, com ella chora as suas desventuras. Superior a tudo, vae seu caminho, que é o do dever; e se hoje a combaterem, porque contrariou os vãos ambiciosos dos despotas, amanhã á procurarão para salvar a liberdade em perigo.

Sombra pesada, como o remorso, para os tyrannos, é a tabua da salvação para os povos oppressos. Aquelles apavora; a estes dá alento. Aquelles temem-na; estes estremecem-na. É a condemnação de uns, é a salvação de outros. É mais amada do que aborrecida, porque maior é o numero dos que favorece, do que o dos que aniquila.

Sem imprensa não haveria liberdade, e sem liberdade não haveria progresso. Da imprensa nasceu a liberdade, e do progresso a felicidade dos povos. A imprensa fez estas maravilhas, como se fosse um dom celeste.

O cidadão é offendido no seus direitos, atacaram a sua propriedade, pede reparações. Falla na praça publica, grita em toda a parte, e ninguém o ouve. Vem á imprensa, e todos o escutam.

Aquelle descobriu utilissimo invento. Dá conta da descoberta, e todos lhe voltam as costas. Explica o systema a adoptar-se, para d'elle se tirar proveito, e chamam no visionario. Vem á imprensa, apresenta o fructo dos seus estudos, pede o conselho dos entendidos, exige discussão dos seus planos; e o visionario em pouco é transformado em um sabio, por diploma passado pelo mais augusto dos tribunaes. A imprensa deverá o seu triumpho, á imprensa a humanidade deverá mais um beneficio. Sem imprensa o sabio seria apedrejado, e a sua idéa morreria abafada pelas gargalhadas dos ignorantes ou dos invejosos.

Andam os cidadãos desavindos com os executores da lei. Entendem ser violencia o que não é senão vontade de fazer cumprir um dever. Queixam-se uns e castigam outros. Ao rigor da auctoridade pretende-se oppor a força das massas. Tudo é desordem e confusão. Mais um passo, e o sangue correrá. De repente tudo se acalma. Restabelece-se o socego, a lei é entendida, e a auctoridade respeitada. A imprensa tinha fallado, tinha explicado o que se não entendia, tinha levado a luz onde tudo eram trevas.

Pequeninas nuvens negras começam a apparecer no horizonte. Passam despercebidas, ninguém as vê, ninguém as estuda, ninguém as teme; porque ninguém sabe o perigo que ellas ameaçam. Hoje um excesso do poder, amanhã uma violação da lei, no outro dia um signal de desacato á soberania popular. Tudo dorme, sem ouvir o som longinquo da terrivel tormenta que se approxima. Um grito se levanta, uma voz forte e poderosa, como a voz de Deus, põe em alarma a republica descuidada e negligente. Está tudo a postos para conjurar a tempestade. As medidas estão tomadas, e o mal combatido a tempo. O despertar dos povos foi obra da imprensa, a sua salvação mais um dos seus serviços.

Sobre humida enxerga se vae finando um cidadão prestante. Na hora do perigo esteve na brecha de-

fendendo a pátria. Sorri-lhe então a existência, como um sonho dourado. Os annos passaram, os serviços foram esquecidos, a idade cansou o corpo, e os desenganos mataram a alma. O mundo, que o procurava, já o não enxerga. Onde via amigos, só encontrou indifferentes. Bate a todas as portas, e nenhuma se abre. Pede e supplica, e ninguem o atende. Foge a esse mundo ingrato, que amaldiçoa. Em paga do sangue derramado, tem a fome e a miseria. Vae morrer esquecido, e não terá quem o chore. Tão atroz injustiça não consente Deus que se faça sobre a terra!

Falla a imprensa, descobre, sob os andrajos do infeliz, o soldado brioso, que nunca soube recuar. Folheia a historia de passados gloriosos, e lá encontra o seu nome em letras de ouro. Apresenta-o á sociedade, lembra-lhe os serviços feitos, censura-lhe a sua ingratição e o seu olvido, e pede a reparação da injustiça. E o velho, que morrera esquecido e ignorado, para vergonha da pátria, acabará seus dias na abundancia, respeitado e venerado pelos que ainda ha pouco nem do seu nome sabiam.

Terrível calamidade afflige um povo. A peste ou a fome arrebata aos braços da esposa o esposo estremecido. A familia perde o seu chefe. O desamparo ameaça com todos os seus horrores centenaes de victimas do terrível flagello. Tudo é desolação, e a desgraça publica é medonha. A caridade, que não morre nunca, parece, contudo, ter succumbido, como todas as outras virtudes, ao aspecto de tão pavoroso quadro. E as victimas augmentam, e a miseria cada dia se torna maior. A imprensa, a quem nada amedronta, lá estende a sua mão, supplica em nome dos desvalidos, appella para os corações bondosos, e, como por encanto, criam-se asylos, fundam-se hospitaes, soccorrem-se os pobres envergonhados, e, no meio de tanta dor, vem a caridade, filha candida do céu, enchugar as lagrimas dos orphãos, e dar-lhes amparo e protecção.

As liberdades publicas estão ameaçadas, o látigo dos tyrannos açouta os filhos livres do povo sempre livre. A desanimação chega a todos, e ninguem tenta oppor-se ás demasias dos poderosos. A imprensa é perseguida. Crua guerra lhe movem os seus inimigos; tentam suffocal-a; mas tudo é balado. A imprensa apparece sempre ao lado do povo e pelo povo. Poderosa mão a guia e a ampara. É a mão de Deus, que está sempre estendida—protegendo o fraco contra o forte, a justiça contra a violencia, e o direito contra o arbitrio.

Redobram as perseguições, augmenta o panico, estendem-se já os braços aos pesados grilhões dos despotas; pavorosa calamidade vae reduzir á miseravel condição de escravos da gleba, homens, que Deus dotára de intelligencia e vontade. O homem, assim, deixa de ser um ente social e livre. E a condemnación do principio eterno, escripto na primeira pagina do livro sagrado da criação. Medonha é a tempestade e o perigo é enorme.

Mas a imprensa de nada se arreceia. Quanto maior é o perigo, maior é a sua coragem, mais grandiosa é a sua missão. Aqui dá animo aos tímidos, ali excita os tibios; aqui censura os traidores, ali livra os imprudentes de se perderem. E, como por milagre, no meio das trevas e das ruinas surge radiante o sol

da liberdade, que faz fugir espavoridos os tyrannos e exultar os opprimidos.

É isto a imprensa! A imprensa que defende o cidadão contra as prepotencias da auctoridade; que beneficia a industria, o commercio e a agricultura, ensinando e explicando os descobrimentos e inventos, que lhes são uteis; que salva a pátria de opprobriosa mancha, conduzindo pela mão os seus filhos benemeritos, mas esquecidos, para que recebam a justa recompensa dos seus bons serviços; que promove subscrições; que excita a caridade publica; que protege e educa o orphão, e que ampara e dá arrimo ao ancião; que é amiga dedicada e fiel companheira do povo; que está com elle nas horas das provações, que o não desampara nunca; que lhe dá animo; que lhe aponta os perigos que o ameaçam; que combate a tyrannia; que quebra os grilhões da escravidão; e que proclama e estabelece o principio da liberdade como o unico e possivel para a verdadeira felicidade dos povos.

A imprensa é o mais seguro baluarte das liberdades publicas. Tudo cae, tudo é vencido. Só a imprensa é inexpugnavel. A sua força provém do povo; a sua auctoridade dimana de Deus!

ASSUMPTOS VARIOS

Dissertando sobre a multiplicação da escola, quer official, quer de iniciativa particular, eis as eloquentissimas palavras do eximio litterato, notavel dramaturgo e festejado poeta Mendes Leal:

«... A escola prepara a infancia, dispõe a juventude, fortalece e encaminha a virilidade; é a alvorada, e a aurora d'onde em breve se desprende a luz creadora e vivificante.

«A escola, pois, a escola multiplicada, generalizada, popular emfim; a escola que ensina os direitos e os deveres, que educa e applica todas as forças physicas e intellectuaes, que robustece o coração para a virtude e levanta o espirito para Deus; a escola assim destinada a formar homens e cidadãos ha de forçosamente captivar os desvelos dos verdadeiros socialistas.»

«O general Moltke, no seu relatório acerca da batalha de Sadowa, dizia (segundo uma carta dirigida á *Correspondencia de Portugal*) que a victoria dos prussianos não devia ser attribuída á espingarda de agulha, mas á circumstancia de não haver no exercito prussiano nenhum soldado que não tivesse frequentado as aulas durante cinco ou seis annos!.

«A maior parte dos males que a sociedade padece são oriundos da ignorancia, e é fóra de duvida que o soldado instruído vale por tres ou quatro, aos quaes falte este precioso requisito.»

O homem de bem — lê-se na *Vida positiva* — apresenta um papel que nem sempre é devidamente estimado, nem é proveitoso (sob o ponto de vista

1 A fundação das escolas nos corpos de linha data de 1815.

materias) para elle, mas que é muito benefico para a sociedade.

Quer seja de condição humilde, quer elevada, pela sua franqueza, pela sua rectidão, pela sua coragem confunde os embusteiros, os hypocritas e os covardes; pela sua moderação, pela sua benevolencia, pela serenidade da sua alma, insinua a concordia; o exemplo da sua vida perturba os perversos, anima os caracteres fracos, dirige os indecisos, desperta os tibios, inspira ás almas grandes o enthusiasmo pelo bem, e infunde em todos a dignidade humana.

Diz o famoso auctor da *Voç do Propheta*:

«Para derribar o poder basta a acção, mais ou menos lenta, mas segura e pacifica, da liberdade da palavra, da imprensa e do voto.

«O povo que, com estes recursos, não sabe tirar os seus negocios das mãos de quem lh'os gere mal, é um povo, ou que ainda não chegou á maioridade, ou que já se arrasta na senilidade.»

Do mesmo abalísado auctor:

«Podem valer pouco os juramentos politicos; pôde, até, ser absurdo o juramento em geral. Mas a quebra de promessas solemnes e espontaneas, seja qual for a sua fórmula, será sempre uma vilania emquanto tiverem culto a honra e a lealdade.»

No drama *Os Engeitados*, devido á primorosa penna do sr. Antonio Ennes, fallando-se do amor, essa paixão attractiva de um por outro sexo:

«... O talento, a formosura, a gloria, a riqueza, a força são prendas que poucos possuem, mas a faculdade de amar foi dada a todos os homens, para que nenhum fosse excluído da ventura.

«O amor e o céu podem ser de todos; desgraçados dos que perdem o seu quinhão n'este patrimonio dos filhos de Deus! O amor iguala-os. Pergunte-se ao mendigo ou ao leproso se, quando encosta a frente no hombro de uma esposa adorada, inveja o poderio dos reis? Não.

«A nós mesmos, bastar-nos-ha o amor para sermos tão ditosos como o podem ser essas creanças, que nos faziam chorar sorrindo em berços de renda, agasalhados pelo amor materno.

«Quem não ha de abençoar o sentimento, que é a riqueza dos pobres, a legitima dos desherdados, o goso dos martyres, o paraizo dos reprobos? O pae da humanidade privado das delicias do Eden, pôde consolar-se, dizendo:—Vae commigo o meu amor!»

«E bem mais modesto e digno —consoante a auctorizada opinião do benemerito academico sr. Latino Coelho— levantar-se o povo pelo seu lavor quotidiano á independencia de cidadãos, do que povoar as portarias dos conventos, ou esperar da munificencia dos magnates os restos dos seus repastos e festins.»

«O desenho e a pintura (disse um dos nossos melhores pintores) são uma das mais solidas e nutritivas bases de muitas bellas idéas. D'ellas depende a

apuração do bom gosto, resulta a perfeição das fabricas e manufacturas; por ellas vimos no conhecimento do genio dos antigos; pulem-se as maneiras e os costumes de uma nação, tomando um ar de elegancia, que a distingue dos paizes menos adiantados n'estas sublimes artes.»

A proposito de ir circulando mais activamente a instrucção primaria, escreveu o visconde de Algués em uma das suas interessantissimas «Revistas criticas» publicadas na *Correspondencia de Portugal*:

«Já não é hoje felizmente contestada, como necessidade de primeira categoria, a rapida circulação, por todo o paiz, e por toda a sua população da idéa e da mercadoria. E certo que d'este modo se multiplica e accelera tambem a circulação do erro e do veneno; *portém á luz da Liberdade é facil distinguir a cicuta das plantas nutrientes da carne e do espirito.*»

Versos feitos por el-rei D. Pedro I
sobre a tragica morte de sua esposa D. Ignez de Castro

Senhora, quem vos matou
Tenha forte desventura,
Pois tanta dôr e tristura
A vós e a mi causou.
E pois nom vi mais asinha
Tolher vosso triste fim,
Recebo-vos vida minha
Per senhora e per Rainha
D'estes Reinos e de mi.
Estas feridas mortaes
Que pelo meu se causaram,
Nom huma vida e nom mais
Mas duas vidas mataram.
A vossa acabou ja
Pelo que não foi culpada,
A minha que fica qua
Com saudade seraa
Pera sempre magoada.
Oh crueldade tam forte
E injustiça tamanha!
Viu-se nunca em Espanha
Tam cruel e triste morte?
Contar se-ha per maravilha.
Minha alma tam verdadeira,
Pois morreis d'esta maneira,
Eu serei a Torturilha
Que lhe morre companheira.
Hi senhora descansada,
Pois que vos eu fico quaa,
Que vossa morte seraa
(Se eu viver) bem vingada.
Per isso quero viver,
Que se per isso não fóra
Melhor me fóra, senhora,
Com vosco logo morrer.
Sangue do meu coração,
Ferido coração meu.
Quem assi per esse chom
Vos espargee sem razom,
Eu lhe tirarei o seu.

Um acto pelo qual nós fazemos no mesmo tempo um amigo e um inimigo é um mau negocio, porque a vingança é um sentimento mais poderoso que a gratidão.

COLTON.